

aula p. 2

LEONARDO MOTA NETO

CORREIO BRAZILIENSE

19 ABR 1988 **Muito pouco tempo**

O presidente Sarney está consciente de que tem um ano e mais dez meses de governo. Para ele, é muito pouco, pois não há tempo sequer para começar nova política econômica, ou mesmo um plano de governo mais consistente. Mas para os políticos que lhe fazem oposição, é muito tempo para permanecer no poder. Ambos os lados têm razão: com quatro ou cinco anos de mandato, fixados pelos constituintes não há tempo para mais nada.

Para começar, não são 22 meses que faltam para o governo terminar. São 19. Isso, na folhinha institucional. No calendário da realidade política, as coisas diferem muito. Pelo menos seis meses são perdidos, para um presidente que está saindo exatamente no período final em que o novo presidente é eleito e constitui sua equipe. Isso acontece com os presidentes mais fortes e prestigiados, que conseguiram fazer seu sucessor, como Geisel. O Palácio do Planalto ficou às moscas e todo o eixo do poder passou a girar em torno do Hotel Aracoara e mais tarde no 18º andar do Banco do Brasil, onde o general João Figueiredo passou a ditar influência. Naqueles dias, valia mais a um visitante de Brasília dizer de volta à sua terra que falou com o sr. Said Farhat, por exemplo, do que, no Planalto, com o próprio general Golbery.

Portanto, mesmo racionando-se em termos de cinco anos, Sarney não terá tempo para fazer mais nada. Sequer — e ele o reconhece — poderá levar a cabo qualquer reforma profunda na administração. A EB-

TU é dada como empresa que será extinta, entre tantas outras do Governo. Porém, apesar de ter uma administração ineficiente, vai sobreviver, mesmo porque seria estupidéz fechar uma instituição reconhecida pelo Banco Mundial como a empresa-modelo na área de transportes de massas, em todo o mundo, para fins de recebimentos dos créditos e financiamentos. Haveria, portanto, o risco de a pressa de fazer as reformas terminar em injustiça, de que o Governo mais tarde iria se lamentar.

A questão do mandato é uma premissa política, e não uma necessidade administrativa. Sarney já fez o que deveria fazer, sendo tolerante e não tendo batido na mesa com vigor: para isso, ele tem o ministro Antônio Carlos Magalhães. Agora é esperar, com quatro ou cinco anos de mandato, mas tudo levando a crer que o Presidente terá 22 meses, perdão, 19 meses, mais perdão ainda, 13 meses de governo prático e real para comandar. O resto é falácia de quem quer agradar ao Presidente da República admitindo que ele poderá realizar um programa de privatização à base de uma empresa desestatizada a cada mês. O Governo deverá sentir-se feliz se conseguir chegar até o final deste ano com o atual comportamento da balança comercial e uma taxa de inflação pelo menos igual à que o ministro João Batista de Abreu previu: seiscentos por cento ao ano. Sarney, realista, não levou em consideração as propostas econômicas do PFL, nem levará qualquer outra. E ficar com o que tem. E já é muito.